

Para Ler em Dias de Chuva

Daniel Cavalcante

-VIRE AGORA À direita – disse Drica no banco de passageiro, interrompendo sua distraída narrativa; abaixou a janela, atirou a ponta do cigarro para fora e subiu rapidamente o vidro, deixando a chuva tombar apenas do lado de fora do carro.

Virei à direita e, mesmo com os últimos raios de sol que insistiam em lutar contra a noite inevitável, achei por bem ligar os faróis. Os dois facho de luz amarelada tornaram ainda mais visíveis os pingos da garoa que se intensificava a cada minuto. Drica continuava sua falação, mas eu não estava disposto a dar-lhe atenção, apesar da imensa estima que alimentava – e alimento – por ela e sua doce companhia. O fato é que eu não me encontrava em um de meus melhores dias, de modo que qualquer voz humana me irritaria. Desejava intensamente estar sozinho, mas não podia recusar uma carona à minha velha amiga.

A noite era agradável, clara, e até mesmo a chuva parecia querer agradar, trazendo frescor e o perfume da natureza, como uma justa recompensa pelo dia ensolarado e desgastante. O sol agora fugia rapidamente do frio noturno e em pouco tempo o céu se fez trevas, iluminado apenas pela lua cheia, que ora aparecia embaçada, ora se escondia por trás das nuvens cuja negritude se confundia com as trevas do espaço infinito. As luzes da rua iluminavam a noite precariamente. Eu não me lembrava de ter visto uma noite tão sombria e escura, mas era uma noite natural, como todas as outras, rotineiras, sem novidades, exceto a carona que dava à amiga que encontrara passando em frente meu escritório no fim do expediente.

- Vire aqui, à direita novamente.

Eu obedeci e entrei em uma grande avenida. Drica parecia ter acabado sua história, seja lá qual fosse, e agora estava em silêncio. Agradei em pensamentos e me perguntei se ela notara meu desinteresse. Seria algo desagradável, mas eu nada podia fazer a respeito. Talvez ela entendesse que não era uma boa hora... Talvez compreendesse que algo estava errado e por isso calou-se, sem fazer mais perguntas, sem se intrometer.

Dirigi o olhar para a mulher ao meu lado. Era linda como as musas, e sua voz – a voz que estupidamente rejeitei silenciosamente – era como um canto élfico, suave e de beleza indizível. Como mágica, tudo o que me perturbava e

atormentava o espírito foi eliminado, e quis ouvir novamente a voz encantadora de Drica. Esta, não obstante, permaneceu silenciosa, observando as ruas.

Assim permanecemos por longo tempo, enquanto percorríamos a avenida sem fim, passando por prédios, lojas, luzes de néon, mendigos e vira-latas disputando um lugar para protegerem-se da chuva, panificadoras e farmácias ainda abertas.

Aquela noite comum parecia-me infinitamente longa, como os momentos improdutivos e maçantes tão comuns, ou de situações desconfortáveis, em que o tempo parece pregar-nos uma peça por gostar de nos ver sofrer. Os minutos se arrastavam, da mesma forma que a avenida interminável zombava de mim, infinita, levando a lugar algum. Drica, no entanto, parecia distraída com as gotinhas de chuva que caíam sobre o pára-brisa formando desenhos circulares que eram logo desmanchados pelo limpador de borracha, em seu incansável e mecânico vai-e-vem. O silêncio era escandaloso, gritava por alguma atitude. Liguei então o rádio, e ouviu-se a voz de Elis Regina em suas impecáveis interpretações, que transformavam a perfeição em sutil normalidade; dizendo:

Sei que nada será como está

Amanhã ou depois de amanhã

Resistindo na boca da noite o gosto de sol

A triste melodia emprestou autenticidade à expressão melancólica de minha amiga.

Parei o carro diante do sinal vermelho. Estávamos agora inertes, como o automóvel. Procurei palavras para quebrar o silêncio, mas minha mente era branca e deserta como as montanhas de gelo. Sentia-me torturado e constrangido ao mesmo tempo por ter ignorado a voz de Drica momentos antes.

O sinal esverdeou e avancei lentamente. A avenida estava estranhamente deserta. Foi então que notei que todo este cenário, sons e circunstâncias compunham uma ópera misteriosa e secreta, algo de tão terrível que não pude conjecturar. Tudo à minha volta parecia preparar-me para o horror que iria roubar-me o sono e a sanidade. Por um momento eu quis parar o carro, deixá-lo ali mesmo, e tomar um ônibus, ou um táxi, onde eu poderia relaxar e não teria que dirigir e olhar a avenida insanamente deserta.

Sim, havia algo naquela avenida. Alguma presença queria torturar-me, ameaçar-me, ou até mesmo destruir-me. Aumentei o volume do rádio e me concentrei na pista iluminada pelos faróis do carro, ainda que no meu campo de visão os postes e prédios corriam assombrosamente. Estava visivelmente perturbado por algo substancial, mas Drica permaneceu em seu estado normal. Minhas mãos, notei, estavam tensas, segurando fortemente o volante; minhas pernas idem, com os pés sobre os pedais. Não pude me concentrar por muito tempo, creio que toda a tensão esgotou minhas energias e meus olhos começaram a pesar. Vi coisas, ou julgo ter visto, que creio que sejam tão irreal quanto insanas. Postes, que antes pareciam sóbrios e cansados vigias noturnos agora eram torres gigantes, que marchavam ao ritmo da chuva, em direção ao fim da imensa avenida deserta, como os judeus rumo à terra prometida. As

gotas d'água que tombavam tranqüilamente se tornaram sangue que espirrava de algum lugar – ou de alguém – lá em cima.

Então, meus olhos se fecharam e caí em profunda inconsciência, levando comigo essas imagens, que se misturaram a outras ainda mais absurdas e incompreensíveis. Não sei quanto tempo permaneci nesse estado de pseudo-sono. Lembro-me apenas do grito feminino, que deu novo formato aos meus sonhos antes de me despertar por completo; do pavor nos olhos de Drica; da palidez espectral de sua face; do modo que ela olhava fixamente para frente, para a avenida. E da menina. A pequena figura, ali, parada como um monumento ancestral, no meio da rua, de frente para nós, olhando diretamente em meus olhos. Sua expressão era pavorosa, inerte, como uma estátua de gelo.

O grito estridente e longo dos freios do carro deve ter-se feito ouvir por toda a cidade. Tão logo vi a figura diante de nós e meu pé já cravava o pedal de freio no soalho do Fiat, sem pensar em absolutamente nada, além do susto, que muito ajudou para tomar a atitude totalmente instintiva de pisar no freio. O tempo que o automóvel levou para parar enquanto diminuía de velocidade foi relativamente curto, uma questão de poucos segundos. Isto, pensei, somado ao susto que a menina deve ter tido, a impeliu de esboçar qualquer movimento de fuga, de modo que a cada milésimo de segundo o carro se aproximava mais daquele rosto pálido, que aumentava com a proximidade. Acreditei que a pobre menina teve um choque que inibiu todas as suas reações, mas quando nos aproximamos meio palmo de distancia entre ela e o pára-choques do carro, notei em seu olhar obscuro uma seriedade sombria. Eram olhos negros que me inspiravam pura maldade, lembraram-me buracos negros no céu. Seus lábios estavam incolores, assim como a pele exposta no rosto e braços. Parecia, por um momento, estar ali propositadamente. Então, no momento que senti que o choque seria inevitável, vi apenas a avenida deserta, gotas de chuva, postes nas calçadas. Pensei ainda, pouco antes de parar completamente, ter visto aquele rosto sério e sombrio *dentro* do carro, encarando-me, a cinco centímetros diante de mim. Quando o carro parou definitivamente, respirei o mais profundo que pude. As pernas tremiam, a boca formigava, seca. Drica ainda tinha o olhar apavorado, pético. Ficamos imóveis, tentando recolocar as idéias, assim como o estômago, no lugar.

O que acontecera com a menina? Não houvera qualquer som de impacto, mas, tendo eu olhado para aquela figura minúscula durante todo o curto tempo em que o carro levou para ser freado, não notei movimento algum por parte dela para desviar e fugir da morte. A voz de Ney Matogrosso dizia que o Guarda Belo tinha nariz chato. Olhei pelo retrovisor e nada vi além do mesmo cenário que via diante de mim. Olhei para os lados, e nada havia ali. Estávamos sozinhos, no deserto.

Não me atrevi abrir a porta para descer e verificar. Não houvera impacto, isso era ponto passivo. Portanto, não havia necessidade de prestar nenhum socorro à suposta vítima. Lancei um olhar à Drica, e ela me olhou com o que parecia ser um acordo: saíamos logo daqui.

Respirei fundo novamente, engatei a primeira, e conduzi o carro lentamente, debaixo da chuva insistente. Agora, tudo parecia denunciar-nos. A chuva escandalosa, os postes sempre presentes, a pista, debaixo de nós, a lua, ora à vista, ora escondida. Tudo ali era testemunha ocular da minha imprudência.

Quando finalmente a avenida chegou ao seu fim, Drica indicou o caminho à esquerda. Dobrei a rua e deixei para trás de nós aquele estranho incidente, de conseqüências desconhecidas. Tanto a chuva, quanto os postes não exerciam mais nenhuma influência sobre mim, e eu e Drica desatamos um assunto qualquer, ensaiando alguns risos, mostrando que tudo estava perfeitamente bem, quiçá esboçando uma tentativa de falar sobre a menina. Sendo assim ou não, acabei por comentar:

- Espero que a garotinha esteja bem.

- Certamente está – respondeu ela, com naturalidade. – Ela não estava mais na rua quando paramos, deve ter corrido para casa. E se correu, então está tudo bem.

- É, tem razão. Mas... – procurei uma boa forma de dizer o indizível – você notou seus olhos?

- Está brincando? Mal notei a cor de seus cabelos em tão pouco tempo. Doravante, notei que trajava vestidinho muito delicado, azul e branco, semelhante a um tipo de uniforme escolar antigo.

- Pois é estranho, não? Uma criança sozinha na avenida, a essa hora, e com uniforme escolar? E, ainda, antigo?

- Sim... Estaria perdida, a pobrezinha?

- Ouça, tenho cá minhas dúvidas... Isto é estranho, não? Pois veja você que, enquanto eu freava o carro, olhei dentro de seus olhos, e ela olhou dentro dos meus, como se não estivesse em perigo algum...

- Falando assim você me dá arrepios... Olhe, você deve ter imaginado coisas...

- Devo ter.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Alguma coisa estava inquieta no fundo da minha mente. Desliguei o rádio, interrompendo Rita Lee e os Mutantes, para clarear meus pensamentos. Havia algo de muito importante nisso tudo que eu deixara escapar, algum detalhe, algo que ululava diante de mim, mas que eu não conseguia decifrar. Apenas depois de muito remexer e lembrar um passado muito distante eu reagrubei as peças que revelavam o horror e o pesadelo abissal que consistia tudo aquilo. Minha vontade foi de gritar e implorar às entidades chamadas Destino, Ironia, Piedade, ou qualquer coisa superior a mim que me roubassem a sanidade e me lançassem ao esquecimento e à loucura piedosa. Se Drica, que eu tanto amo, não estivesse sentada ao meu lado, no banco de passageiro, eu teria arreventado o Fiat em um muro para dar cabo ao tormento que passou a fazer parte de minha vida. E, depois daquela noite, por muitas vezes tentei dar cabo a este plano, sempre impedido por minha amada, a única razão pela qual ainda não enlouqueci por completo. É graças a Drica que me resta sanidade suficiente para relatar este fato.

Aquele rosto espectral estava estampado em minha mente. O modo que ele pareceu fitar-me, dentro do carro, os olhos negros, o cabelo curto, à altura do pescoço e liso, o uniforme azul e branco que não era mais usado em escola alguma da cidade; tudo aquilo mexia comigo de forma horrenda, como um maligno *dejá-vu*. Algo em mim remoía mais e mais em busca da solução deste impasse, das respostas pelas quais eu inconscientemente buscava, enquanto outra parte em mim implorava para desistir, insistia em ignorar e esquecer aquele rosto tão...

- ...Familiar?

- O que? – perguntei, assustado, como que saindo de um transe.

- Perguntei se esta rua lhe é familiar.

Olhei para os lados. De fato, era uma rua familiar, mas não pude me concentrar em associá-la a nada.

- É a rua de minha casa. Você já esteve aqui uma vez. Logo chegaremos.

- Ah, claro que me lembro...

Claro que me lembrava. Aquele rosto familiar...

- Apenas mais duas esquinas...

Mas eu não via mais nada através do pára-brisa. Minha mente se tornou um turbilhão de imagens confusas de meu passado. Subitamente, um forte mal estar, seguido de febre, cólera e dor de cabeça, roubou todas as minhas forças. Recai sobre o volante enquanto o carro prosseguia lentamente. Meus olhos viram apenas pontinhos coloridos dançando estranhamente. Pensei ter perdido os sentidos, mas ainda podia ouvir a voz de Drica perguntando se eu estava me sentindo bem. Ninguém poderia se sentir bem em meu lugar. Estava horrorizado, e aquela imagem, pequenina, imóvel, encarando-me, como um espectro mortal surgiu diante de mim novamente, desta vez, exatamente como era, um fantasma maligno e perturbador, um terror indescritível que fazia chacoalhar os meus nervos em frangalhos.

- Agora... me... lembro... – murmurei com as forças remanescentes.

- O que, homem?

- A menina... Céus, que horror!

- O que é? Diga logo!

- A menina é... É minha irmã! – minha voz rouca e baixa, quase um sussurro.

- Ah, então tens uma irmãzinha e não a reconheces depois de quase a matar?

- Mas... – as palavras não saíam, então praticamente as vomitei antes de desfalecer – Ela está morta a quinze anos.